

ANÁLISE DO POEMA O BARRO, DE PAULO LEMINSKI, COM BASE NA ESCALA FOCAL DE SPERBER E WILSON

Fábio José Rauen¹

Ana Sueli Ribeiro Vandresen²

RESUMO: *Etapa de um estudo de caso que analisou os processos de compreensão do poema ‘O Barro’, de Paulo Leminski, por trinta docentes de 1ª a 4ª séries da região de Fartura, SP (VANDRESEN, 2005), este artigo apresenta a análise do poema, com base na escala focal de Sperber e Wilson (1986, 1995). A partir dessa análise, propuseram-se quatro critérios para avaliação das interpretações dos referidos docentes.*

PALAVRAS-CHAVE: *cognição, compreensão, Teoria da Relevância.*

ABSTRACT: *This study is part of a research that analyzed the understanding processes of Paulo Leminski’s poem ‘O barro’, carried out by thirty teachers of 1st to 4th grades of elementary school in the region of Fartura, SP (VANDRESEN, 2005). This article presents the analyses the Leminski’s poem, on the basis of the Sperber and Wilson’s (1986, 1995) focal scale. Based on this analysis, four criteria for the evaluation of the interpretations of these teachers are proposed.*

KEYWORDS: *cognition, comprehension, Relevance Theory.*

INTRODUÇÃO

Neste artigo, analisa-se o poema ‘O barro’, de Paulo Leminski, aplicando-se a escala focal desenvolvida por Sperber e Wilson (1986). Essa análise compõe um estudo sobre os processos de compreensão do texto poético por trinta docentes de 1ª a 4ª séries da região de Fartura, SP, participantes de Cursos de Capacitação e Aperfeiçoamento das Faculdades São Judas Tadeu de Pinhais, PR, naquela cidade.³

No presente texto, apresenta-se uma breve síntese sobre a Teoria da Relevância e, em especial, sobre a escala focal. Mais adiante, apresenta-se a análise, seguida da definição das formas lógicas sintática e semântica, bem como da respectiva explicatura do poema. Como o objetivo da análise

¹ Docente e Coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Unisul. Doutor em Letras/Linguística pela UFSC. E-mail: fabioj@unisul.br.

² Professora da rede estadual do Estado do Paraná; Coordenadora e docente do Curso de Letras das Faculdades de Pinhais da FAPI. E-mail: anavandresen@yahoo.com.br.

³ Esta pesquisa, Vandresen (2005), faz parte do Projeto “Teoria da Relevância: práticas de leitura e produção textual em contexto escolar” do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Unisul. Vejam-se também: Coral (2003), Godoi (2004), Matiolla (2004), Pavei (2005), Rauen (2005), Santos (2005), Silva (2003) e Zapelini (2005).

foi o de gerar critérios para a avaliação das interpretações dos docentes, os referidos critérios fecham o texto.

TEORIA DA RELEVÂNCIA

A Teoria da Relevância fundamenta-se em dois princípios: o *princípio cognitivo* de que a mente humana guia-se para a maximização da relevância e o *princípio comunicativo* de que os enunciados geram expectativas de relevância.

Relevância é uma propriedade dos *inputs* dirigidos à cognição. Trata-se de uma função de efeitos cognitivos e esforço de processamento. Ao se processar um *input*, esse *input* pode gerar efeitos cognitivos quando modifica ou reorganiza as suposições do indivíduo mediante: o fortalecimento, o enfraquecimento ou a contradição de suposições existentes; ou mesmo a derivação de implicações contextuais, que são conclusões derivadas da combinação dos *inputs* com o contexto cognitivo, mas que não decorrem dos *inputs* ou do contexto isolados.

A Teoria propõe que, sendo iguais as condições: quanto maiores são os efeitos cognitivos obtidos do processamento de um *input*, maior será sua relevância; e quanto menor é o esforço de processamento, maior será a relevância.

Conforme o *princípio cognitivo*, a cognição se dirige para informações que parecem relevantes ao indivíduo. Conforme o *princípio comunicativo*, um falante cria uma expectativa de relevância ótima ao se dirigir a alguém. Um enunciado é otimamente relevante quando é suficientemente relevante para merecer ser processado e é o estímulo mais relevante que o falante se dispôs ou foi capaz de produzir.

O ouvinte, para compreender um enunciado, visa obter uma interpretação que satisfaça sua expectativa de relevância ótima. Com base na codificação lingüística e seguindo uma rota de esforço mínimo, ele deve enriquecer esses *inputs*, de modo a obter o significado explícito e completá-lo em nível implícito, até que a interpretação se conforme com essa expectativa.

Nesse processo, define-se representacionalmente a codificação lingüística como uma *forma lógica* geralmente não proposicional. Essa forma lógica é enriquecida por inferências, até se obter a *explicatura*, entendida com uma forma lógica proposicional (semanticamente completa). Às vezes, a forma lógica proposicional compõe uma premissa implicada para gerar dedutivamente uma conclusão implicada, possivelmente a interpretação última pretendida pelo falante – ou *implicatura*.⁴

⁴ Sobre os níveis representacionais, vejam-se: Carston (1988), Silveira (1997), Silveira e Feltes (1999) e Sperber e Wilson (1995).

ESCALA FOCAL

Sperber e Wilson (1986, 1995), em *Relevance: communication & cognition*, delineiam certas implicações da Teoria da Relevância para o estudo dos efeitos estilísticos. Segundo eles, esses efeitos podem ser tratados como informações de primeiro e segundo planos.

Sempre que o comunicador quiser produzir um enunciado que seja relevante, ele terá dois objetivos: o de criar algum efeito contextual em seu interlocutor e o de reduzir o custo de processamento que essa modificação envolve. Eles demonstram que dois enunciados com a mesma forma proposicional podem apresentar diferenças tanto nos seus efeitos contextuais como no esforço que eles exigem.

Uma vez que os enunciados são processados passo a passo, o interlocutor acessa alguns de seus constituintes, com suas entradas lógicas e enciclopédicas associadas, antes de outros. Para eles, a exploração eficiente dessa seqüência temporal é essencial. Quanto mais depressa se obtiver a desambiguação e se atribuírem as referências de itens lexicais, menor será o esforço de processamento. Quanto maior for o número das interpretações possíveis que o intérprete tenha de estar atento ao processar o enunciado, maior será o esforço de processamento. Segue-se que um falante que objetiva relevância ótima formula seu enunciado para facilitar o processamento do interlocutor.

Para Sperber e Wilson, na interpretação de um enunciado, os indivíduos formam, *topdown*, hipóteses antecipatórias sobre a estrutura lógica geral e resolvem as ambigüidades e as ambivalências baseadas nessas hipóteses. Assim, numa comunicação bem sucedida, o ouvinte vê suas hipóteses antecipatórias lançadas durante o processo de interpretação do enunciado confirmadas.

Os autores propõem, então, um modo de construir hipóteses lógicas antecipatórias com base em hipóteses sintáticas antecipatórias. Para ilustrar utilizam-se das formas sintática e lógica do enunciado:

(1) John convidou Lucy.

Forma sintática:

Sentença		
SN	SV	
 John	V convidou	SN Lucy

Forma Lógica:

Algo é o caso		
alguém	fez alguma coisa	
 John	convidou	alguém Lucy

Segundo Sperber e Wilson,

uma representação proposicional de que John convidou Lucy transmitiria por via de etiquetas encontradas no nós do seu diagrama em árvore, a informação de que alguém convidou alguém, de que alguém convidou Lucy, de que John convidou alguém, de que John fez alguma coisa, e assim por diante (1995, p. 206).

As hipóteses antecipatórias que serão confirmadas relacionam-se entre si logicamente, ou seja, uma é implicada pela outra, formando uma escala focal em que “cada membro implica analiticamente o membro que se encontra na posição anterior e é analiticamente implicado pelo membro que vem logo a seguir” (*ibidem*, p. 208).

O exemplo apresentado corresponde à seguinte escala focal:

- (1a) John fez algo./O que John fez?
- (1b) John convidou alguém./ Quem John convidou?
- (1c) John convidou Lucy.

Sperber e Wilson explicam que o processamento de cada implicação da escala focal pode contribuir para a relevância total do enunciado de duas formas: reduzindo o esforço necessário para processá-la ou aumentando seus efeitos contextuais. Destaque-se que, para Sperber e Wilson, o comunicador adapta seu enunciado à forma como o ouvinte irá processá-lo, inexistindo quaisquer normas pragmáticas ou regras de interpretação especiais.

As implicações que possuem seus próprios efeitos contextuais sendo, relevantes por si mesmas por isso, são denominadas implicações de primeiro plano – *foreground implications*; por outro lado, as implicações que contribuem para a relevância de forma indireta, facilitando o acesso a um contexto no qual efeitos contextuais são obtidos, são denominadas de implicações de segundo plano – *background implications*. Assim, o foco de um enunciado seria o menor constituinte sintático cuja substituição por uma variável resulta numa implicação de segundo plano ao invés de uma implicação de primeiro plano.

ANÁLISE DO POEMA

Veja-se o poema de Paulo Leminski:

O barro
Toma a forma
Que você quiser

Você nem sabe
Estar fazendo
O que o barro quer

(LEMINSKI, 1983)

O poema compõe-se de dois enunciados lingüísticos, que correspondem às duas estrofes. Sobre eles, aplicou-se a ‘escala focal’ proposta por Sperber e Wilson (1995).

Veja-se o início do primeiro enunciado:

[1] O barro...

Ao deparar-se com o *input* lingüístico ‘O barro’, o leitor aciona vários tipos de informação armazenada na memória sob esse endereço conceitual. Apesar de não ser relevante por si só, esse *input* lingüístico restringe o número de contextos possíveis a serem acessados. O leitor acessa entradas enciclopédicas associadas a BARRO e, possivelmente, a primeira que surge é a de que ‘barro’ é o equivalente à ARGILA.

Ao mesmo tempo, ele apreende um conjunto de endereços conceptuais que tenham ‘barro’ como parte de sua entrada lexical. Ao atribuir ‘o barro’ à provável categoria sintática de Sintagma Nominal (SN), ele forma a hipótese sintática antecipatória de que ela será seguida por um Sintagma Verbal (SV), que lhe dará, através de uma substituição de variável, a seguinte hipótese lógica antecipatória, admitindo-se o caráter inanimado de BARRO:

[H₁] alguma coisa aconteceu com o barro.

Essa hipótese, por sua vez, gera a questão relevante:

[Q₁] O que aconteceu com o barro?

O leitor supõe que a seqüência lhe dará respostas e que essas respostas serão relevantes dentro do contexto em que foi encorajado.

[2] O barro toma...

O item lexical em seguida é ‘toma’, uma flexão do verbo ‘tomar’, que possui vários significados (pegar em; segurar, agarrar; apreender, conquistar; apoderar-se de, acometer, invadir, assaltar; receber, aceitar; beber; comer; adotar; adquirir, contrair; assumir, mostrar, apresentar em si, dar mostras de), entre os quais o leitor, provavelmente, escolheria entre:

[2¹] O barro recebe/aceita.

[2²] O barro assume/mostra.

A opção se dá pelo significado contextualmente mais relevante. Responde a questão [Q₁] e, conseqüentemente, confirma a hipótese [H₁]. Essa confirmação permite lançar a hipótese antecipatória de que esse SV será seguido de um SN:

[H₂]: o barro toma alguma coisa.

[Q₂] O que o barro toma?

Seguem-se os itens lexicais ‘a forma’:

[3] O barro toma a forma...

Ao ser processada essa seqüência lexical, a hipótese [H₂] é confirmada: *O barro toma a forma*. Essa confirmação gera a hipótese antecipatória de que esse SN será complementado por um Sintagma Preposicional (SP), possibilitando a hipótese lógica antecipatória e a questão que se seguem:

[H₃] O barro toma a forma de alguma coisa.

[Q₃] O barro toma a forma de quê?

Veja-se a seqüência:

[4] O barro toma a forma que...

O item lexical que o leitor processa em seguida é 'que'. Esse item não responde à pergunta [Q₃], e o leitor mantém a entrada lógica em aberto. Provavelmente, algo como:

[4'] O barro toma a forma Ø [de algo/alguma coisa] que...

A hipótese mais razoável, aqui, é a de que a entrada lexical 'que' é uma pro-forma relativa e sua função é a de substituir os constituintes lógicos anteriores.

[4''] O barro toma a forma Ø [de algo/alguma coisa] que [a forma de alguma coisa]...

De qualquer modo, surge a hipótese antecipatória de que outras informações textuais são necessárias para o processamento.

A hipótese antecipatória e a questão são as seguintes:

[H₄] O barro toma a forma Ø [de alguma coisa] que [forma de alguma coisa] faz algo.

[Q₄] O barro toma a forma Ø [de alguma coisa] que [forma de alguma coisa] o quê?

Veja-se a seqüência

[5] O barro toma a forma que você...

A entrada lexical 'você' nem confirma nem refuta [H₄']. O leitor, então, precisa atribuir referência. Dentre os referentes possíveis de serem atribuídos a 'barro' supõe-se encontrarem-se **oleiro, ser humano, ser universal, pessoas e leitor**. Essa última referência, por hipótese, seria a escolhida, porque se supõe que o intérprete julgue que o autor está solicitando sua interação com o texto. São acionados também os endereços conceituais que tenham como parte de sua entrada lexical 'você'. Atribuindo à entrada a categoria de SN, o leitor formula a hipótese antecipatória de que 'você será seguido de um SV:

[H₅] O barro toma a forma Ø [de alguma coisa] que [forma de alguma coisa] você fez alguma coisa

[Q₅] O barro toma a forma Ø [de alguma coisa] que [forma de alguma coisa] você fez o quê?

Veja-se a seqüência:

[6] O barro toma a forma que você quiser...

O leitor, tendo acesso à entrada lexical 'quiser', provavelmente a reconhece como núcleo de um sintagma verbal, cujo domínio antecipa um sintagma nominal, derivando:

[H₆] O barro toma a forma ∅ [de alguma coisa] que [forma de alguma coisa] você [aquele que está lendo] quisera alguma coisa.

[Q₆] O barro toma a forma ∅ [de alguma coisa] que [forma de alguma coisa] você [aquele que está lendo] quisera o quê?

A primeira estrofe do poema de Leminski termina com o item lexical 'quisera' e, desse modo, deixa em aberto a provável complementação lógica. Isso permite ao leitor questionar-se sobre essa complementação. Provavelmente, há duas complementações candidatas:

[H₆'] O barro toma a forma ∅ [de alguma coisa] que [forma de alguma coisa] você [aquele que está lendo] quisera ∅ [fazer do barro].

[H₆"] O barro toma a forma ∅ [de alguma coisa] que [forma de alguma coisa] você [aquele que está lendo] quisera ∅ [dar ao barro].

Por fim, podem ser atribuídos ao enunciado às complementações de tempo e de lugar, como se seguem:

[H₇] O barro toma a forma ∅ [de alguma coisa] que [forma de alguma coisa] você [aquele que está lendo] quisera ∅ [fazer do barro] ∅ [no tempo_i] ∅ [no lugar_i].

[H₇"] O barro toma a forma ∅ [de alguma coisa] que [forma de alguma coisa] você [aquele que está lendo] quisera ∅ [dar ao barro] ∅ [no tempo_i] ∅ [no lugar_i].

Passemos ao segundo enunciado.

[8] Você...

A entrada lexical 'você', nesse momento, já possui um candidato à referente que provavelmente é retomado. O item lexical, apesar de não ser relevante em si mesmo, restringe os contextos possíveis de serem acessados. A provável atribuição de função sintática de SN ao item lexical 'você' leva o leitor a formar a hipótese sintática antecipatória de que esse SN será seguido de um SV, gerando, possivelmente, as seguintes hipóteses e questões lógicas antecipatórias, conforme se atribua caráter agentivo ou não-agentivo à entrada lexical:

[H₈'] Alguma coisa envolvendo você [aquele que está lendo] aconteceu.

[Q₈'] O que aconteceu envolvendo você [aquele que está lendo]?

[H₈"] Você [aquele que está lendo] fez alguma coisa.

[Q₈"] O que você [aquele que está lendo] fez?

O enunciado segue com a entrada lexical 'nem'

[9] Você [aquele que está lendo] nem...

O item lexical em questão, não sendo relevante por si mesmo, leva às seguintes modificações das hipóteses e questões antecipatórias, restringindo o argumento do enunciado.

[H₉'] Alguma coisa envolvendo você [aquele que está lendo] nem aconteceu.

[Q₉'] O que nem aconteceu envolvendo você [aquele que está lendo]?

[H₉"] Você [aquele que está lendo] nem fez alguma coisa.

[Q₉"] O que você [aquele que está lendo] nem fez?

O próximo item lexical é ‘sabe’:

[10] Você [aquele que está lendo] **nem sabe...**

O *input* lingüístico ‘sabe’ apaga ‘H₉’. Cabe aqui destacar que à entrada lexical ‘você’ não cabe a interpretação de caráter não-agentivo, como se percebe na primeira estrofe. Retoma-se esse ponto mais adiante. Além disso, ‘sabe’ aciona as entradas enciclopédica e lógica do endereço conceptual SABE e é processado pelo leitor como núcleo de um sintagma verbal, cujo domínio provavelmente deve conter um sintagma nominal, o que faz o leitor formular a hipótese e a questão que se seguem:

[H₁₀] Você [aquele que está lendo] **nem sabe alguma coisa.**

[Q₁₀] você [aquele que está lendo] **nem sabe o quê?**

O enunciado apresenta a seguinte seqüência:

[11] Você **nem sabe estar fazendo...**

A seqüência lexical em questão responde parcialmente à ‘Q₁₀’. Ela permite gerar a hipótese e a questão antecipatória que se seguem.

[H₁₁] Você [aquele que está lendo] **nem sabe estar fazendo alguma coisa.**

[Q₁₁] você [aquele que está lendo] **nem sabe estar fazendo o quê?**

Veja-se como o enunciado continua:

[12] Você **nem sabe estar fazendo o...**

A entrada lexical ‘o’ pode acionar várias entradas enciclopédicas. Todavia, sua conformação à forma lógica em tela permite compreendê-la enquanto pro-forma de um sintagma nominal e, dessa forma, responder parcialmente à ‘Q₁₁’.

[H₁₂] Você [aquele que está lendo] **nem sabe estar fazendo o [alguma coisa].**

Todavia, o enunciado agrega o item lexical ‘que’. A interpretação mais acessível é a de que o item lexical é uma pro-forma relativa e, desse modo, replica a variável lógica anterior. Além disso, esse item lexical não é relevante por si mesmo, mas permite restringir a interpretação, antevendo a hipótese e a questão antecipatória que se seguem.

[13] Você **nem sabe estar fazendo o que...**

[H₁₃] Você [aquele que está lendo] **nem sabe estar fazendo o [alguma coisa] que [alguma coisa] faz algo.**

[Q₁₃] você [aquele que está lendo] **nem sabe estar fazendo o [alguma coisa] que [alguma coisa] o quê?**

Repare-se que o acréscimo de esforço de processamento deve ser compensado por ganhos cognitivos. Veja-se a seqüência:

[14] Você **nem sabe estar fazendo o que o barro...**

Nesse ponto, é razoável supor que o leitor atribuirá o mesmo referente a barro que havia escolhido no primeiro enunciado. Nada obsta que a interpretação *default* de que barro equivale à argila seja retomada. A inserção dessa entrada lexical permite antecipar que ‘o barro’ deve ser um sintagma nominal, provavelmente dominado por uma sentença. Desse modo, a hipótese H₁₂ de que a entrada lexical ‘que’ seria seguida de um

sintagma verbal é revista. Nessa revisão, a hipótese mais provável é a de que o item lexical ‘que’ equivale ao sintagma nominal dominado pelo sintagma verbal. Veja-se.

[H₁₄] Você [aquele que está lendo] nem sabe estar fazendo o [alguma coisa] que [alguma coisa] o barro faz.

[Q₁₄] Você [aquele que está lendo] nem sabe estar fazendo o [alguma coisa] que [alguma coisa] barro faz?

Veja-se a seqüência do enunciado:

[15] Você nem sabe estar fazendo o que o barro quer...

A hipótese antecipatória é confirmada. A entrada lexical ‘quer’ corresponde ao dito núcleo do sintagma verbal. Não sendo relevante por si mesma, ela permite antecipar a hipótese e a questão que se seguem:

[H₁₅] Você [aquele que está lendo] nem sabe estar fazendo o [alguma coisa] que [alguma coisa] o barro quer fazer.

[Q₁₅] você [aquele que está lendo] nem sabe estar fazendo o [alguma coisa] que [alguma coisa] barro quer o quê?

O segundo enunciado, como o primeiro, não complementa a forma lógica. Nesse caso, como no primeiro, podem-se levantar duas complementações candidatas:

[H₁₆’] Você [aquele que está lendo] nem sabe estar fazendo o [alguma coisa] que [alguma coisa] o barro quer ∅ [fazer] ∅ [do barro].

[H₁₆’] Você [aquele que está lendo] nem sabe estar fazendo o [alguma coisa] que [alguma coisa] o barro quer ∅ [dar] ∅ [ao barro].

Como adotado no enunciado anterior, o enunciado 2 é balizado pelas circunstâncias de lugar e de tempo, o que gera a seguinte hipótese:

[H₁₇’] Você [aquele que está lendo] nem sabe estar fazendo o [alguma coisa] que [alguma coisa] o barro quer ∅ [fazer] ∅ [do barro] ∅ [no tempo_i] ∅ [no lugar_i].

[H₁₇’] Você [aquele que está lendo] nem sabe estar fazendo o [alguma coisa] que [alguma coisa] o barro quer ∅ [dar] ∅ [ao barro] ∅ [no tempo_i] ∅ [no lugar_i].

Vejam-se, agora, os dois enunciados em conjunto:

[H₇’] O barro toma a forma ∅ [de alguma coisa] que [forma de alguma coisa] você [aquele que está lendo] quiser ∅ [fazer do barro] ∅ [no tempo_i] ∅ [no lugar_i].

[H₁₇’] Você [aquele que está lendo] nem sabe estar fazendo o [alguma coisa] que [alguma coisa] o barro quer ∅ [fazer] ∅ [do barro] ∅ [no tempo_i] ∅ [no lugar_i].

Ou:

[H₇’] O barro toma a forma ∅ [de alguma coisa] que [forma de alguma coisa] você [aquele que está lendo] quiser ∅ [dar ao barro] ∅ [no tempo_i] ∅ [no lugar_i].

[H₁₇’] Você [aquele que está lendo] nem sabe estar fazendo o [alguma coisa] que [alguma coisa] o barro quer ∅ [dar] ∅ [ao barro] ∅ [no tempo_i] ∅ [no lugar_i].

Nesse ponto do processamento, supõe-se que o leitor deva ter detectado a oposição entre o caráter passivo dado ao item lexical ‘barro’ na primeira estrofe, e o caráter agentivo-reflexivo dado ao mesmo item lexical na segunda estrofe. Essa percepção autoriza o intérprete a estabelecer a hipótese de que os dois enunciados estão em relação de oposição. Veja-se o resultado: ⁵

[H₁₈] O barro toma a forma Ø [de alguma coisa] que [forma de alguma coisa] você [aquele que está lendo] quiser Ø [fazer do barro] Ø [no tempo.] Ø [no lugar₁]. Ø [mas] Você [aquele que está lendo] nem sabe estar fazendo o [alguma coisa] que [alguma coisa] o barro quer Ø [fazer] Ø [do barro] Ø [no tempo₁] Ø [no lugar₁].

A hipótese H₁₈ não apenas captura a oposição entre os enunciados, mas também leva a refletir sobre as balizas de tempo e de lugar. Nesse caso, o leitor deveria perceber a semelhança das circunstâncias de tempo e de lugar, expressas pelo acréscimo de ‘mesmo’ na explicatura do segundo enunciado.

[H₁₉] O barro toma a forma Ø [de alguma coisa] que [forma de alguma coisa] você [aquele que está lendo] quiser Ø [fazer do barro] Ø [no tempo.] Ø [no lugar₁]. Ø [mas] Você [aquele que está lendo] nem sabe estar fazendo o [alguma coisa] que [alguma coisa] o barro quer Ø [fazer] Ø [do barro] Ø [no mesmo tempo.] Ø [no mesmo lugar₁].

Portanto, supõe-se que o leitor possa perceber a junção paradoxal entre processo/produto; criatura/criador; inanimado/animado, ou seja, que a ação passiva/agentiva-reflexiva atribuída a barro ocorre num mesmo tempo_t e num mesmo lugar₁ qualquer.

Se essa relação contraditória não for apreendida, pode ocorrer uma interpretação onde os tempos são distintos, ou seja, o caráter passivo de barro ocorre no tempo *t*, enquanto o caráter agentivo-reflexivo ocorre no tempo *t'*, perdendo-se o caráter paradoxal da própria formulação lógica do poema.

Cabe salientar que os procedimentos até aqui desenvolvidos reforçam a tese de que o conteúdo lingüisticamente codificado subdetermina o que é comunicado. No caso do poema em questão, é de suma importância que o intérprete recupere a relação entre as estrofes, de modo a capturar não somente que o argumento da segunda se opõe ao argumento da primeira, mas também que essa oposição é paradoxal. Qualquer interpretação que ignore esse preenchimento e a percepção do paradoxo entre elas não captura a relação entre as estrofes. Além disso, isso implica a possibilidade de que o item lexical ‘barro’ não equivalha à argila e mesmo que o item lexical ‘você’ não equivalha, necessariamente ao leitor *ad hoc* do poema.

⁵ Por conveniência, optou-se por [H₇' e H₁₇'].

EM SÍNTESE

O poema *O barro*, de Paulo Leminski, apresenta a seguinte forma lingüística:

(1) Forma Lingüística:

O barro toma a forma que você quiser. Você nem sabe estar fazendo o que o barro quer.

Essa forma lingüística, como se viu, é semanticamente incompleta. Ela se comporta no interior de uma forma lógica que pode ser expressa numa formulação sintática ou semântica (SILVEIRA e FELTES, 1999).

Veja-se a formulação sintática:

(2) Forma Lógica (formulação sintática):

[S1 [S2 [SN [O barro]]] [SV [V [toma]]] [SN [a forma [SP [Ø]]]] [S3 [SN [Você]]] [SV [V [quer Ø]]] [SN [a forma [SP [Ø]]]]]] [SAdv_{tempo} [Ø] [SAdv_{lugar} [Ø]]] mas [S4 [SN [Você]]] [Neg [nem]] [SV [V [sabe estar fazendo]]] [SN [o]] [S5 [SN [o barro]]] [SV [V [quer Ø]]] [SN [QUE]] [SP [Æ]]]]]]] [[SAdv_{tempo} [Ø] [SAdv_{lugar} [Ø]]]].

Essa formulação pode ser resumida como em (2'):

(2') Forma Lógica (formulação sintática resumida):

[S1[S2[S3]] mas [S4[S5]]].

Veja-se a formulação semântica:

(3) Forma Lógica (formulação semântica):

((tomar, x, y (quiser fazer, z, y, de x) t_t l_l) mas (sabe estar fazendo, nem, z, y, (quer fazer, x, y, de x) t_t l_l)

onde:

x = o barro;

y = a forma de alguma coisa;

z = você;

t_t = tempo t qualquer;

l_l = lugar l qualquer.

Vistas as formulações, segue-se a explicatura do poema:

(4) Explicatura:

O barro toma a forma Ø [de alguma coisa] que [forma de alguma coisa] você [aquele que está lendo] quisier Ø [fazer do barro] Ø [no tempo,] Ø [no lugar_l] Ø [mas] você [aquele que está lendo] nem sabe estar fazendo o [alguma coisa] que [alguma coisa] o barro quer Ø [fazer] Ø [do barro] Ø [no mesmo tempo,] Ø [no mesmo lugar_l].

CRITÉRIOS PARA A AVALIAÇÃO

De acordo com a Teoria da Relevância, a primeira interpretação consistente com o princípio de relevância será considerada pelo intérprete e tomada como verdadeira, tendo em vista, segundo Wilson e Sperber

(2005) que as pessoas prestam atenção à informação mais relevante disponível, que elas tendem a construir a representação mais relevante possível desse estímulo e a processá-lo num contexto que maximiza sua Relevância.

Apesar da consistência desse argumento, isso não autoriza aceitar como adequadas toda e qualquer interpretação. Para dar conta da avaliação das interpretações do poema, então, a explicatura em (4) foi considerada como interpretação *standard*, contra a qual todas as demais interpretações dos trinta sujeitos de pesquisa foram confrontadas.

Em função disso, a avaliação das interpretações levou em conta os elementos a seguir relacionados:

1. Atribuição de referente ao item lexical ‘barro’. Sendo os poemas locais privilegiados para a linguagem figurada, é provável que o intérprete considere o enunciado de Leminski como uma interpretação de um pensamento de Leminski. Assim, seria razoável supor que barro é algo diferente de ARGILA. Logo, a primeira interpretação para ‘barro’ que for consistente com o princípio de relevância será tomada pelo intérprete como verdadeira e, por conseqüência, base para a interpretação como um todo. É razoável supor que um intérprete acostumado a ler textos poéticos tentará preencher a entrada lexical ‘barro’ com um conceito alternativo já na primeira leitura.

2. Atribuição de referência ao item lexical ‘você’. É razoável supor que a atribuição de referente ao item lexical ‘você’ seja compatível com aquela estabelecida ao item lexical ‘barro’. Por exemplo, ‘barro’ como ARGILA pode acessar ‘você’ enquanto OLEIRO; ‘barro’, como PALAVRA, pode autorizar ‘você’ enquanto ESCRITOR OU POETA.

3. Percepção da oposição entre o caráter passivo atribuído ao item lexical ‘barro’ na primeira estrofe e o caráter agentivo/reflexivo, na segunda, autorizando o preenchimento da relação adversativa entre as estrofes.

4. Percepção de mesma atribuição de referência espaço-temporal para o conteúdo proposicional da primeira e da segunda estrofe e, por conseqüência, percepção do paradoxo.

Tomadas essas considerações, uma interpretação “bem sucedida”, provavelmente, atenderia, ao ser comparada com a interpretação *standard*, aos quatro critérios. Aplicados esses critérios nas trinta interpretações que compuseram o *corpus* do estudo de caso, os resultados apontaram que houve dispersão de referentes ao item lexical ‘barro’ e ‘você’. Vinte interpretações recuperaram a relação adversativa entre as estrofes. Dessas, apenas onze recuperaram a contradição implícita do poema.

REFERÊNCIAS

CARSTON, Robyn. Implicature, explicature, and truth-theoretic semantics. In: KEMPSON, Ruth (Ed.). *Mental representations: the interface between language and reality*. Cambridge: Cambridge University, 1988, p. 155-181.

CORAL, Ruth de Farias. *Progressão temática em entrevista de Anthony Garotinho a Boris Casoy: análise com base na teoria da relevância*, 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

GODOI, Jaqueline Marcos Garcia de. *Influência de implicaturas na elaboração de resumo sem consulta ao texto de base: estudo de caso com base na teoria da relevância*, 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Curso de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

LEMINSKI, Paulo. Caprichos & Relaxos, 1983. Disponível em: <http://planeta.terra.com.br/artes/PopBox/Kamiquase/poesia.htm>. Acesso em 10 fev. 2004.

MATIOLLA, José Antonio. *Aulas de Filosofia com alunos de sétima série do Ensino Fundamental: análise de processos interacionais com base na teoria da relevância*, 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

PAVEI, Maria de Fátima Silveira. *Influência do título na interpretação de charge: estudo de caso com base na teoria da relevância*, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

RAUEN, Fábio José. Inferências em resumo com consulta ao texto de base: estudo de caso com base na Teoria da Relevância. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 5, n. esp., p. 33-57, 2005.

SANTOS, Scheyla Damian Preve dos. *Interação jogos instrucionais, docente e estudantes em aulas de matemática sobre números inteiros: análise com base na teoria da relevância*, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

SILVA, Célia Maria da. *Processos ostensivo-inferenciais do filme Neve sobre os cedros de Scott Hicks*, 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

SILVEIRA, Jane Rita Caetano da, FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes. *Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância e outros ensaios*. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

_____. *Teoria da Relevância: uma resposta pragmático-cognitiva à comunicação inferencial humana*. Tese. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. *Relevance – Communication & Cognition*. 2.ed. Oxford: Blackwell, 1995 [1st ed.1986]

WILSON, Deidre; SPERBER, Dan. Teoria da Relevância. Tradução: RAUEN, Fábio

José e SILVEIRA, Jane Caetano. Linguagem em (Dis)curso, v. 5, n. especial, Tubarão, Ed. da Unisul, 2005, p. 221-268. (Teoria da Relevância).

ZAPELINI, Clésia da Silva Mendes. *Produção de texto oral e escrito a partir da interpretação de história em quadrinhos: análise com base na teoria da relevância*, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.